



MOZART, BRUCH, BRAHMS

Forsyth (vcl), Zukerman (v, d),

Orquestra Gulbenkian

Gulbenkian, Lisboa, dia 20

Um dos aspetos mais refrescantes da direção orquestral hodierna é a sua assunção por reputados solistas, sejam eles pianistas (como é o caso de Andrés Schiff ou Christian Zacharias), violinistas (Gidon Kremer ou Joshua Bell), ou mesmo cantores (como acontece com Barbara Hannigan). De certo modo, a opção representa um regresso às origens, quando cabia ao concertino concertar os músicos da orquestra. A especialização em direção de orquestra é relativamente recente. Desta vez tivemos o prazer redobrado de assistir a um concerto de Pinchas Zukerman no duplo papel de maestro e violinista, com a colaboração da violoncelista canadiana Amanda Forsyth (que é, aliás, membro do Zukerman Trio e dos Zukerman Chamber Players). Foi uma espécie de concerto em família, com a alegria estampada no rosto de muitos músicos da Orquestra Gulbenkian: um caso — mais raro do que se pensa — de empatia entre orquestra, solista e maestro. Programa clássico de Mozart e Brahms, entremeado pelos “Kol Nidrei” (1880), uma joia para violoncelo e orquestra de Max Bruch (1838–1920). Forsyth extasiou-nos com a sua musicalidade nata, e a expressão bronzeada do seu magnífico instrumento de 1699. Em extra, presenteou-nos com o bombom do penúltimo andamento, ‘O Cisne’, de “O Carnaval dos Animais” (1886), de Camille Saint-Saëns (1835–1921), agora numa versão acompanhada pelos violoncelos da orquestra, mais harpa e contrabaixo. Quanto a Zukerman, apreciei a sua direção íntima e discreta do “Concerto para violino e orquestra nº 3, em Sol maior” (1775) de Wolfgang Mozart (1756–91), usando o arco como batuta. Como se esperava, foi ternamente expressivo no adagio — um daqueles andamentos que, uma vez ouvido, nunca mais é esquecido. Também não foi surpresa o seu envolvimento no universo da “Sinfonia nº 1, em Dó menor” (1876) de Johannes Brahms (1833–97), já que Zukerman é um dos maiores intérpretes atuais do “Concerto para violino e orquestra” (1878) do mesmo compositor. Refletivo por natureza, Zukerman conseguiu também ser vibrante e enérgico, terminando em triunfo aquela que Hans von Bülow apelidou de 10ª sinfonia de Beethoven! Um grande concerto de repertório, no início de uma bem gizada temporada. / JORGE CALADO